

«CONHECEREIS A VERDADE, E A VERDADE VOS LIBERTARÁ» (Jo 8,32) Uma história que continua

Saudação de Davide Prosperì*

Introdução de Fabio Colombo

«Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará» (Jo 8,32) – Uma história que [como vocês podem ver virando para a direita ou para a esquerda] continua»,¹ também no ano da graça 2023. Primeiramente, quero dar calorosas boas-vindas a cada um de vocês! Alguns estão chegando agora, damos as boas-vindas. Outros estão conectados – já pensou? – no ônibus, porque ficaram presos no trânsito e por isso organizamos uma transmissão ao vivo, boas-vindas também a eles, que provavelmente tinham imaginado um início de tríduo meio diferente, mas estão lá no ônibus, mas estão nos ouvindo e conseguiram acompanhar a saudação do Davide. Pois bem, estou aqui com o Davide no “pedestal” por motivos óbvios, mas, de verdade, no coração sinto o desejo enorme de descer até vocês para cumprimentá-los um a um, e para perguntar qual é o seu nome, se tem irmãos ou irmãs, o que estuda, que instrumento toca, que esporte pratica, ou como foi a escola na semana passada, como está indo o primeiro ano do ensino médio ou se você já intuiu alguma possibilidade para escolher a faculdade, enfim, para conhecer você/vocês pessoalmente! Também em nome de Davide, de Francesco e de Seve, então, renovo as boas-vindas e abraço vocês pessoalmente nesta introdução ao gesto do Tríduo que estamos prestes a começar a viver juntos; não nos conhecemos, mas uma história comum nos precedeu, e através dessa história Alguém nos con-vocou!² Cada um de nós esperou com trepidação para participar deste Tríduo, nós esperamos tanto por vocês, que pensamos em acolhê-los pedindo a alguns amigos que tocassem ao vivo, durante a sua entrada no salão! Como uma serenata apaixonada, uma peça musical tocada para você, como um canto dedicado a cada um pessoalmente, parte deste povo a que pertencemos! É surpreendente vê-los aqui, de toda a Itália, um lindo povo, o Seu povo no mundo, e certamente não *do mundo*!³ »

* [Saudação de Davide Prosperì no Tríduo Pascal de Gioventù Studentesca durante a Quinta-feira Santa \(6 de abril de 2023\).](#)

¹ Cf. «A verdade não se impõe de outro modo senão pela sua própria força, que penetra nos espíritos de modo ao mesmo tempo suave e forte» (Concílio Vaticano II, Declaração sobre a liberdade religiosa *Dignitatis humanae*, 7 de dezembro de 1965).

² «Vós sois aqueles que antes não eram povo, agora, porém, são povo de Deus» (1Pd 2,10).

³ «A mundanidade é uma cultura; uma cultura do efêmero, uma cultura da aparência, da maquiagem, uma cultura do “hoje sim, amanhã não; amanhã sim, hoje não”. Tem valores superficiais. Uma cultura que não conhece a fidelidade, porque muda de acordo com as circunstâncias, negocia tudo. Esta é a cultura do mundo, a cultura da mundanidade. E Jesus insiste em defender-nos disto e reza para que o Pai nos defenda desta cultura da mundanidade. É uma cultura do descartável, de acordo com o que for conveniente. É uma cultura sem fidelidade, não tem raízes. Mas é um modo de vida, um estilo de vida também de muitos que se autodenominam cristãos. Eles são cristãos, mas são mundanos. Na parábola da semente que cai na terra, Jesus diz que as preocupações do mundo - ou seja, da mundanidade - sufocam a Palavra de Deus, não a deixam crescer (cf. Lc 8,7). E Paulo diz aos Gálatas: “Estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos do mundo” (cf. Gl 4, 3). Impressiona-me sempre quando leio as últimas páginas do livro do padre de Lubac: *Meditações sobre a Igreja* (cf. Henri de Lubac, *Meditazioni sulla Chiesa*, Milão 1955), as três últimas páginas, onde fala

» Toda a espera que está no coração de vocês, todas as perguntas que foram despertadas na razão de vocês nestes meses de vida, que abriram espaço em vocês como exigência inextirpável de compreensão do significado da vida – agradeço-lhes desde já pelas suas contribuições, muitíssimas e realmente profundas – mas principalmente, *a fortiori*, o desejo de deparar com a resposta – que aos poucos, como uma alvorada, ficará cada vez mais clara em vocês até resplandecer como o sol do meio-dia no verão –, tudo isso foi o que fez vocês pré-sentirem, intuírem uma possibilidade, uma promessa de bem, fez vocês decidirem pela existência,⁴ fez vocês decidirem levar-se a sério, não se enganarem, serem leais consigo mesmos e acolher o convite, inscrever-se, entrar no ônibus, encarar a viagem, investir dinheiro, tempo e energia para estarem aqui e agora. Pode também ter sido só um desejo oculto de ficar longe de casa por uns dias com os amigos, mas vejam que o bom Deus sempre está em ação! Uma pessoa, meio triste, me disse: «Padre Fabio, eu convidei uns amigos, mas eles preferiram um churrasco, então este ano eles perderam», isso traz certa dor para o nosso coração. Então, este simples convite, esse panfletinho do Tríduo, recebido mediante um amigo ou um adulto mais velho, é o início ou é o prosseguimento de uma *história que continua*, de uma história que – como uma grande oliveira multissecular (como as da Terra Santa, que estão no Getsêmani desde quando Jesus ia lá para rezar com Seus amigos) – deita suas raízes desde mais de 2023 anos atrás e da qual você, que aceitou esse simples convite, é como o último ramo, o último galho, o último fruto, talvez (naturalmente!) ainda meio verde, mas com todo o desejo de atingir sua maturidade, a verdade da sua nobreza humana! Esta história começou pelos dois primeiros, por João e André – antes ainda, pelo “eis aqui” da Virgem Maria – e atravessou e queimou dois mil anos, chegando até os seus bisavós, depois avós, até seus pais, e aos adultos dos Colegiais, agora até você. Para mim, o reconhecimento de ser parte de uma história maior que o tempo e estendida no tempo aconteceu na montanha, em Siusi, com a comunidade dos Colegiais de Varese: eu nunca tinha frequentado GS (só o grupo dos escoteiros antes), mas aquele ano, entre o quarto e o quinto ano do liceu, algumas perguntas começaram a aparecer no meu horizonte [O que Jesus tem a ver com minha vida? Tem a ver com minha namorada? Tem a ver com minha vida só porque preciso pegar o carimbo do domingo? Ou há *algo mais*? O que essa Verdade tem a ver com meu estudo, o que essa Verdade tem a ver com meus amigos? O que tem a ver com o futebol, com a diversão, com a namorada?], e aceitei o convite de alguns amigos e amigas que reencontrei para ir com eles à montanha. Na época, eu frequentava a paróquia e jogava futebol, então estava acostumado com conviver com os padres e estimá-los por como davam gratuitamente sua vida, eu realmente os admirava... mas, enfim, lá na montanha encontrei um padre meio particular, com um gosto pela vida e uma profundidade de olhar difíceis de encontrar em outro lugar, chamava-se padre Fabio Baroncini e me marcou porque sabia dar razões da Esperança de que vivia, da sua certeza férrea, um pouco áspera e ao mesmo tempo muito atenta a discreta: eu não tinha a menor ideia de que ao redor dele pairava uma estima difusa, não sabia bem quem ele era, que era um dos grandes amigos de Dom Giussani; enfim, resumindo, o padre Fabio amava as montanhas e eu também, então, durante um passeio, ele notou que eu saltava desenvolto e confiante para lá e para cá ao longo da montanha, ajudando e socorrendo as »

precisamente da mundanidade espiritual. Ele diz que é o pior dos males que pode acontecer à Igreja; e não exagera, enumerando depois alguns males terríveis, dos quais este é o pior: a mundanidade espiritual. [...] Peçamos ao Espírito Santo nestes últimos dias, também na novena do Espírito Santo, nos últimos dias do tempo pascal, a graça de discernir o que é mundanidade e o que é Evangelho, e não nos enganemos, porque o mundo nos odeia, o mundo odeia Jesus e Jesus orou para que o Pai nos defendesse do espírito do mundo» (Francisco, *Homília*, 16 de maio de 2020).

⁴ «A existência representa, antes de tudo, uma decisão acerca daquilo que se reconhece como o próprio fundamento: e tal decisão é um acontecimento que se repropõe continuamente. Trata-se de encontrar o *unum necessarium*, a única coisa necessária, quer dizer, aquilo que nós reconhecemos como significado de nós mesmos e, portanto, como fundamento de tudo o que fazemos» (L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, São Paulo: Cia Ilimitada, 1996, p. 113).

» meninas cansadas da subida e carregando como um “nobre cavaleiro” as mochilas delas... e enquanto todos, ao redor, tinham feito o percurso comum, com grandes descidas e grandes retas, o padre Fabio, junto com dois adultos, me convidou a percorrer outro caminho, com pequenas paredes de escalada, com vislumbres de beleza avassaladora e trechos bastante empenhativos! Nisso, enquanto caminhávamos, conversamos sobre a escola, sobre o último ano, que em breve começaria, sobre a escolha da faculdade, mas não abstratamente, e sim sugerindo-me estudar tudo, encarar todas as matérias com grande atenção e em profundidade (já que, de toda forma, todas as matérias iam cair no exame final), assim viria à tona o que eu preferia conhecer e aprofundar nos anos seguintes, como que dizendo: coma tudo e aproveite bem todos os sabores, e assim vai descobrir concretamente o que agrada mais seu paladar! No fim desses dias, quando eu fui mandar um cartão-postal para casa, o padre Fabio quis assiná-lo e escreveu (porque, naqueles dias, ele tinha ligado os pontos e entendido quem eram meus pais): «uma história que continua». Nessa ocasião, pela primeira vez eu tive a intuição de uma história de bem gratuito que me precedia, uma história que antes tinha chegado até Dom Gius, depois o padre Fábio, depois encontrou meus pais, chegando até a mim, e da qual eu desejava fazer parte, descobrindo-a por conta própria, jogando a partida em primeira pessoa... que depois continuaria no encontro com a comunidade do CLU da Estatal, depois com o padre Giorgio, o padre Pino e muitos outros, até a minha entrada no seminário em Venegono!

Pois bem, nós não nos conhecemos pessoalmente, mas fazemos parte de uma história, fazemos parte de um Corpo, de um Povo que caminha na história, já somos membros uns dos outros, somos incindivelmente os membros de um mesmo corpo. Mas que é que esse Corpo tem de diferente? O que esse povo tem de diferente que o anima? O que tem de tão singular? De único? Nós seríamos só a soma das nossas fraquezas e da nossa vontade ou capacidade, seríamos como os discípulos amedrontados no Cenáculo há dois mil anos, depois que Jesus subiu aos Céus, se não fosse pelo Espírito Santo, Pneuma, Sopro Vital: seríamos somente como pneus murchos, se Ele não nos “preenchesse” “inflando-nos” com a Vida divina. De fato, Dom Gius nos educou para repetirmos incansavelmente a jaculatória *Veni Sancte Spiritus, Veni per Mariam*. E na oração eucarística, durante a Santa Missa, rezamos: «O Espírito nos una num só corpo». Por isso, agora, levantemo-nos sem fazer barulho e cantemos *Oh! vinde, Espírito Criador*: «O Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, ele vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que eu vos tenho dito».⁵

Por que foi que nós rezamos cantando *Oh! Vinde, Espírito Criador*? Porque a nossa condi- »

⁵ Jo 14,26. Cf. «Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para Ele cumprir na terra (cf. Jo 17,4), foi enviado o Espírito Santo no dia de Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. Ef. 2,18). Ele é o Espírito de vida, ou a fonte de água que jorra para a vida eterna (cf. Jo. 4,14; 7,38-39); por quem o Pai vivifica os homens mortos pelo pecado, até que ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cf. Rm 8,10-11). O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis, como num templo (cf. 1Cor 3,16; 6,19), e dentro deles ora e dá testemunho da adopção de filhos (cf. Gal 4,6; Rm 8,15-16.26). A Igreja, que Ele conduz à verdade total (cf. Jo 16,13) e unifica na comunhão e no ministério, enriquece-a Ele e guia-a com diversos dons hierárquicos e carismáticos e adorna-a com os seus frutos (cf. Ef 4,11-12; 1Cor 12,4; Gal 5,22). Pela força do Evangelho rejuvenesce a Igreja e renova-a continuamente e leva-a à união perfeita com o seu Esposo. Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: “Vem” (cf. Ap 22,17)! Assim a Igreja toda aparece como “um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Concílio Vaticano II, Constituição dogmática *Lumen gentium*, 21 de novembro de 1964, n. 4). «Nenhuma ambição terrena move a Igreja, mas unicamente este objetivo: continuar, sob a direção do Espírito Consolador, a obra de Cristo que veio ao mundo para dar testemunho da verdade, para salvar e não para julgar, para servir e não para ser servido» (Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 7 de dezembro de 1965, n. 3). «Eis que quanto se tinha prenunciado no antigo Templo é realizado pelo poder do Espírito Santo na Igreja: a Igreja é a “casa de Deus”, o lugar da sua presença, onde podemos encontrar o Senhor; a Igreja é o Templo onde habita o Espírito Santo que a anima, orienta e sustém. Se nos perguntarmos: onde podemos encontrar Deus? Onde podemos entrar em comunhão com Ele, através de Cristo? Onde podemos encontrar a luz do Espírito Santo que ilumina a nossa vida? A resposta é: no Povo de Deus, no meio de nós, que somos Igreja. É aqui que encontraremos Jesus, o Espírito Santo e o Pai» (Francisco, *Audiência*, 26 de junho de 2013).

» ção humana é como tão bem descreveu um amigo nosso: «No entanto, apesar desses fatos que me diziam para abandonar minha posição e abrir-me, para abraçar o caminho e recomeçar, era impossível para mim renegar esta minha posição, era realmente como empurrar contra um limite estrutural meu, de modo que eu não cedia nem um milímetro». ⁶ Há como que uma estranha resistência em nós, uma soberba orgulhosa, firme em não ceder, ou então uma fraqueza, uma sombra de ceticismo, de falta de compromisso consigo mesmo e com a realidade; a Igreja nos ensina a chamá-la de concupiscência! ⁷ Por quê? Paulo de Tarso, judeu de nascimento e cidadão romano, primeiro perseguidor daquela seita cristã que vinha se espalhando e posteriormente sua maior e mais indomável testemunha, descrevia assim a sua própria pessoa e, com ele, cada um de nós: «De fato, estou ciente de que [...] querer o bem está ao meu alcance, mas não realizá-lo. Não faço o bem que quero, mas faço o mal que não quero. [...] Portanto, descubro em mim esta lei: quando quero fazer o bem, é o mal que se me apresenta. [...] Infeliz que eu sou! Quem me libertará deste corpo de morte?» ⁸

Acrescenta-se a essa constatação sobre a nossa situação “interna” algumas considerações extraídas da observação da realidade externa, do vento que sopra, da mentalidade que respiramos, dos fatos recentes. Outro amigo escreveu, de fato, na sua contribuição: «Nestes dias vi o telejornal: Turquia, mais de 43 mil mortos, mortos inocentes, crianças recém-nascidas, sem nenhuma culpa, debaixo dos destroços dos prédios. Olho para um ano atrás e penso no estouro da guerra, nos jovens da minha idade obrigados a combater ou a fugir; olho para o ano de 2020 e penso na covid, vejo conhecidos e amigos meus lutando contra doenças graves, mortais, e não é culpa deles. [...] Às vezes este pensamento me impele a tornar minha vida grande, outras vezes me faz pensar que tudo é acaso e querer jogar a toalha». ⁹ Já uma amiga, durante a Escola de Comunidade, disse: «Somos números e não pessoas, somos marionetes num sistema fora de nós, não só na escola, mas na vida. O sistema é introjetado em nós desde pequenos, você vale a nota que recebe e sua mãe só te pede isso. O sistema inteiro te avalia pelo trabalho que seu pai faz, pelo dinheiro que tem, pelos likes do Instagram. Na assembleia, os representantes não propunham algo para a escola, mas só queriam aparecer e ter um poder. Somos contra nós, somos uns contra os outros. O que nos salva?» Esse olhar para nossa fraqueza, para a força que aparentemente faz tudo gravitar para baixo, o olhar para as condições “internas e externas” da vida pode ter-nos lançado como que na sombra da desilusão... Mas em 1830 começava a nascer no coração e na razão de Giacomo Leopardi esta poesia que desperta a pergunta de cada um de nós: «Diz-me: o que fazes no céu, lua? o que, silenciosa lua? Enquanto a noite vê, contemplativa, os ermos, tu tramontas. Correr essas estradas sempiternas ainda te compraz? [...] E quando olho a amplidão, de estrelas cheia, penso e digo comigo: por que tanta candeia? Por que estes ares infinitos, este infinito profundo, sereno, esta imensa solidão? e eu, que sou eu?» ¹⁰ E repropõe ainda o mesmo drama em »

⁶ Cf. «Na verdade, os desequilíbrios de que sofre o mundo atual estão ligados com aquele desequilíbrio fundamental que se radica no coração do homem. Porque no íntimo do próprio homem muitos elementos se combatem. Enquanto, por uma parte, ele se experimenta, como criatura que é, multiplamente limitado, por outra sente-se ilimitado nos seus desejos, e chamado a uma vida superior. Atraído por muitas solicitações, vê-se obrigado a escolher entre elas e a renunciar a algumas. Mais ainda, fraco e pecador, faz muitas vezes aquilo que não quer e não realiza o que desejaria fazer» (Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, 7 de dezembro de 1965, n. 10).

⁷ «Em consequência do pecado original, a natureza humana está enfraquecida em suas forças, submetida à ignorância, ao sofrimento, à dominação da morte, e inclinada ao pecado (inclinação chamada de “concupiscência”)» (Catecismo da Igreja Católica, n. 418).

⁸ Rm 7,18-19.21.24.

⁹ Cf. «Todavia, perante a evolução atual do mundo, cada dia são mais numerosos os que põem ou sentem com nova acuidade as questões fundamentais: Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal e da morte, que, apesar do enorme progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar à sociedade, e que coisas pode dela receber?» (Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, n. 10).

¹⁰ G. Leopardi, “Canto noturno de um pastor errante da ásia”, vv. 1-6.84-89, in *Idem, Poesia e prosa*, Rio de

» seu *Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo*: «Ó natureza humana, se em tudo és frágil, vil, se és pó e sombra, como no alto vagas?»¹¹ Por que é que desejamos tanto assim e somos tão frágeis?

Pois bem, passaram-se quatro anos desde o último Tríduo presencial aqui em Rímíni, foram anos em que cada um de nós, de maneira mais direta ou menos direta, foi muito – muito! – marcado por alguns eventos, foram anos em que a nossa vida foi tocada por inúmeros fatos quer na esfera pessoal, quer na esfera social. Muito simplesmente, por exemplo, coincidindo com a pandemia, a gente queria ver os amigos e não podia, queria fazer umas férias e tinha de fazê-la nos limites das nossas “bolhas”, preferia encontrar-se para estudar com os colegas de escola, mas a única possibilidade era por WhatsApp, Meet ou Zoom... Nestes últimos anos – que coincidem com os anos em que o eu começa a soltar as amarras, a zarpar e aventurar-se na vastidão do mar da existência, a fazer-se questionamentos mais profundos, a investigar a realidade – fomos parar dentro de páginas de história que com certeza despertaram em nós muitas perguntas que – se não levarmos a sério – podem até desvirtuar-se em dúvida, chegando a tornar-se objeção ou incerteza sistemática a respeito da positividade do real, a respeito da bondade de Deus e do destino bom que já nos acompanha e nos espera: «Será que não é tudo em vão? Que tipo de vida é esta?» Os muitos questionamentos sobre a doença e sobre o sofrimento da vida, sobre as capacidades “salvíficas” reais da medicina e da ciência, sobre o verdadeiro propósito da arte do governo da *res publica*, pouco a pouco – como o pó que imperceptivelmente vai se depositando sobre os móveis – podem ter coberto o nosso coração e a nossa razão com uma espécie de triste véu de resignação, de acídia, de apatia.

Dom Giussani, aqui mesmo em Rímíni, no ano de 1985, numa fala histórica no Meeting, citou Paul Teilhard de Chardin (um jesuíta, filósofo e paleontólogo francês) dizendo que «o maior perigo que a humanidade pode temer não é uma catástrofe que venha de fora, não é nem a fome nem a peste; é antes aquela doença espiritual, a mais terrível porque o mais diretamente humano dos flagelos, que é a perda do gosto de viver!»¹²

Com efeito, depois de termos vivido a escola metade deitados na nossa cama em casa (com uniforme em cima e pijama embaixo) e metade nos bancos da escola, depois de dois anos de pandemia, com a guerra na Ucrânia, que parece não acabar nunca e que produz consequências econômicas em escala mundial, e muitas outras guerras espalhadas pelo mundo que recebem muito menos destaque,¹³ bem no meio da nossa vida pessoal e familiar – às vezes muito dolorosa, como algumas contribuições que recebi descreveram – muitos de nós poderiam assinar embaixo o que uma menina aqui presente expressou: «Então tudo é mentira?! Depois das férias perdi o interesse em tudo, já não me perguntava por que fazia as coisas, não reconhecia se era boa ou não... estava num estado de indiferença total, sentindo-me sozinha. Para mim a solução, quase inconscientemente, foi evitar questionar e entender, porque isso era mais difícil do que só ir sobrevivendo. Ficar na superfície, aparentemente, me permitia estar numa “zona de conforto”, em segurança, mas isso não me permitia encontrar uma correspondência e um confronto com aquilo de que meus amigos falavam, que estava no fundo deste mar que é a vida. Mas fazendo assim, “há um ponto em que a vida é ficar grudado nas coisas que não dão certo” (Ernia, *Qualcosa che manca*, 2022, ©Island Records). Eu só enxergava o que não estava bem. Por exemplo, uma coisa que tem sido bastante difícil para mim desde janeiro é o estudo. O que os professores me explicam não me interessa, e nem »

Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 254.

¹¹ G. Leopardi, “Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo”, vv. 49-51, in *Ibidem*, p. 277.

¹² Cf. P. Teilhard de Chardin, *Il fenomeno umano*, parte III, 3.2.b. In: *Opere di Teilhard de Chardin*, Milão: Il Saggiatore, 1980, pp. 310-311.

¹³ Cf. «Há muito tempo eu venho falando, estamos vivendo a terceira guerra mundial em pedaços. A Ucrânia nos desperta um pouco mais porque está perto, mas a Síria está há 13 anos em uma guerra terrível. E o Iêmen? Mianmar, vários países da África. O mundo está em guerra. Dói muito, dói muito mesmo» (Francisco, “Il Natale che vorrei”, entrevista exclusiva para a TV italiana *Canale5*, 18 de dezembro de 2022).

» sei por que estou indo à escola. Sei que toda manhã faço uma viagem de viagem, mas não sei o motivo. Esta é a maior dificuldade em que tropeço: não saber por que faço as coisas. Faço e pronto. Mas sinto que esta vida não me corresponde. Depois a Ernia conclui dizendo: “O que me falta está no meio, não chega nunca ou chega cedo demais, o que tem de errado comigo? Não é o dinheiro nem as joias. Procuo alguma coisa grande, que dure”. Tudo me escapa e nada permanece. Mas então, na minha vida, será que existe alguma coisa grande que permanece? E, se existe, como faço para ficar apegada a ela?»

«A juventude não foi mais que um temporal, aqui e ali por sóis ardentes trespassado; as chuvas e os trovões causaram dano tal que em meu pomar não resta um fruto sazonado. Eis que alcancei o outono de meu pensamento, E agora o ancinho e a pá se fazem necessários para outra vez compor o solo lamacento, onde profundas covas se abrem como ossários. E quem sabe se as flores que meu sonho ensaia não achem nessa gleba aguada como praia o místico alimento que as farás radiosas. Ó dor! O tempo faz da vida uma carniça, e o sombrio Inimigo que nos rói as rosas no sangue que perdemos se enraíza e viça!»¹⁴

Ou ainda a poesia de André Gide: «Desejo! arrastei-te pelas estradas; desolei-te nos campos; embriaguei-te nas grandes cidades; embriaguei-te sem te dessedentar; – banhei-te nas noites de lua cheia; passei-te por toda parte; acalentei-te nas vagas; quis adormecer-te nas ondas... Desejo! Desejo! Que te darei? Que me queres! Não descansarás nunca?»¹⁵ Ou também este outro poema famoso de Rebora: «Seja o que for que digas ou faças, / há dentro um grito: / não é por isso, não é por isso! / E assim tudo remete / a uma pergunta secreta: / o ato é um pretexto. / [...] Na iminência de Deus / a vida acaba / com as reservas caducas, / enquanto cada um se agarra / a algum bem que lhe grita: adeus».¹⁶

Então, definitivamente, somos apenas a soma das nossas individualidades aqui esta noite, ou será que há mais? Esta história de que fazemos parte é apenas a soma das nossas amizades familiares, já que todos nascemos na Itália e somos de tradição católica? Quem me libertará? Será que vou passar minha única vida tendo que me conformar em ser somente um grãozinho numa engrenagem que não consigo nem decifrar? Existe algo grande que permanece ou não? O que abraça e eleva meu limite estrutural, o que pode vencer meu ceticismo, fazer com que eu saia do pragmatismo e curar as feridas que o mal de viver podem ter causado?¹⁷ Existe esse alimento místico que nos dá força? E o que significa dizer que Cristo é a resposta? Será que não é meio abstrato? Será que não é um pensamento? Uma consolação devota? Um auto-convencimento? Só estamos esperando até que o desejo se esgote, mais cedo ou mais tarde? Mas por que nasci – disse um de vocês – justo neste momento histórico?

De fato, cada um de nós poderia ter a tentação de dizer: «“Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época”, disse Frodo. “Eu também”, disse Gandalf, “como todo os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado”».¹⁸ «“A ti convém seguir outra viagem”, tornou-me ele ao me ver lacrimejando, “para escapar deste lugar selvagem”», disse Virgílio a Dante no Primeiro Canto do *Inferno* (vv. 91-93). Se as ruas tortuosas que já percorremos com nossos »

¹⁴ C. Baudelaire, “Il nemico”. In: Idem, *I fiori del male*, Milão: Bur, 2021.

¹⁵ A. Gide, *Os frutos da terra*, Lebooks, 2019 (e-book).

¹⁶ C. Rebora, “Sacchi a terra per gli occhi”. In: Idem, *Le poesie (1913-1957)*, Milão: Garzanti, 1988, pp. 141-142;145.

¹⁷ Cf. «Nos jovens, encontramos também, gravados na alma, os golpes recebidos, os fracassos, as recordações tristes. Muitas vezes “são as feridas das derrotas da sua própria história, dos desejos frustrados, das discriminações e injustiças sofridas, de não se ter sentido amado ou reconhecido”. Além disso, temos “as feridas morais, o peso dos próprios erros, o sentido de culpa por ter errado”. Jesus faz-Se presente nestas cruces dos jovens, para lhes oferecer a sua amizade, o seu alívio, a sua companhia sanadora, e a Igreja quer ser instrumento d’Ele neste percurso rumo à cura interior e à paz do coração» (Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Christus vivit* aos jovens e a todo o povo de Deus, n. 83; Cf. Carta *Iuvenescit Ecclesia*, aos bispos da Igreja Católica sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e a missão da Igreja, 15 de maio de 2016).

¹⁸ J.R.R. Tolkien, *O senhor dos anéis*, São Paulo: Martins Fontes, 2000, pp. 52-53.

» pensamentos, estratégias e esforços já nos deixaram exaustos,¹⁹ se nossas fugas e nossos anestésicos (tudo o que nos faz fugir do impacto com a realidade!) não tiveram o resultado tão esperado de fazer explodir, de realizar aquele desejo inextirpável de vida, de verdade, de felicidade que há em nós, então talvez convenha percorrer com decisão e com cada vez maior convicção um outro caminho, é preciso decidir dispor do nosso tempo de um jeito diferente: frequentando um lugar, uma casa que não foi construída por mãos humanas, mas edificada pelo próprio Deus: «Ele não perdeu os seus três anos, ele não os gastou gemendo e interpelando a doença e a desgraça dos tempos. [...] Ele foi direto ao ponto. [...] Fazendo o cristianismo».²⁰ O cristianismo não é uma religião, mas seu exato contrário; não é uma escada construída por mãos humanas a fim de subirmos até o céu, mas é o Céu que desce até a terra!

Ouçam o autor da Carta aos Hebreus, que síntese admirável ele faz da história de salvação que culmina com o nascimento da Igreja: «Cristo, porém, veio como sumo sacerdote dos bens futuros. Ele entrou no Santuário através de uma tenda maior e mais perfeita, não feita por mãos humanas, nem pertencendo a esta criação. Ele entrou no Santuário, não com o sangue de bodes e bezerras, mas com seu próprio sangue, e isto, uma vez por todas, obtendo uma redenção eterna. De fato, se o sangue de bodes e touros e a cinza de novilhas espalhada sobre os seres impuros os santificam, realizando a pureza ritual dos corpos, quanto mais o sangue de Cristo purificará a nossa consciência das obras mortais, para servirmos ao Deus vivo!»²¹ Ele construiu a Tenda, a Igreja, o lugar, a casa, o corpo, o povo. Ele o edificou, pagando um preço alto, sacrificando-se por nós, como contemplaremos amanhã na Via Sacra! Ele nos lava os pés, como veremos daqui a pouco durante a Santa Missa da Ceia do Senhor! Deus está vivo e age na história, a cruz de Cristo é a árvore da Vida em que nós nos apoiamos! Essa tenda (tabernáculo) que não foi construída por nós, uma escada que não foi construída por nós, mas que é lançada para nós lá do Céu! «Não é por meio dos escrúpulos que o homem se tornará grande; a grandeza vem por graça de Deus, como um belo dia.»²² Nós não podemos nada: «Eu sou a videira, e vós sois os ramos, [...] pois sem mim, nada podeis fazer».²³ Nosso esforço, nosso zelo se quebra – poderia continuar quebrando-se por uma vida inteira, como um hamster que corre ininterruptamente na roda achando que está percorrendo quilômetros e quilômetros, todo afobado, quando na verdade não se move nem um milímetro! – contra as barreiras do nosso ser criaturas com desejos infinitos, mas com capacidades limitadas; nosso empenho, por mais nobre que seja, é impotente, não nos bastamos a nós mesmos, podemos fazer academia o quanto quisermos... mas a liberdade humana é chamada a enxertar-se e colaborar com a Graça divina!²⁴ Não nos movemos por uma obrigação, mas »

¹⁹ Cf. «Com efeito, o poder que os gnósticos atribuíam à inteligência, alguns começaram a atribuí-lo à vontade humana, ao esforço pessoal. Surgiram, assim, os pelagianos e os semipelagianos. Já não era a inteligência que ocupava o lugar do mistério e da graça, mas a vontade. Esquecia-se que “isto não depende daquele que quer nem daquele que se esforça por alcançá-lo, mas de Deus, que é misericordioso” (Rm 9,16) e que Ele “nos amou primeiro” (1Jo 4,19)» (Francisco, Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate* sobre a chamada à santidade no mundo atual, n. 48).

²⁰ Cf. Ch. Péguy, “Dialogo della storia con l’anima carnale (o Véronique)”. In: Idem, *Lui è qui*, Milão: Bur, 2009, p. 110.

²¹ Hb 9,11-14.

²² Cf. A. Camus, *Taccuini (1951-1959)*, vol. III, Milão: Bompiani, 1992, p. 34.

²³ Jo 15,5.

²⁴ Cf. «Não só passamos por justos, mas verdadeiramente nós nos denominamos e somos justos. Pois recebemos em nós a justiça, cada qual a sua, conforme a medida que o Espírito Santo distribui a cada um como ele quer (1Cor 12,11) e segundo a disposição e cooperação de cada qual. Assim, ninguém pode ser justo, senão aquele a quem se comunicam os merecimentos da Paixão de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas isto assim sucede nesta justificação do pecador, precisamente pelo fato de o amor de Deus se difundir pelo Espírito Santo, por força dos merecimentos desta sagrada Paixão, nos corações (Rm 5,5) dos que são justificados, aderindo-lhes intimamente. Por isso, na justificação é infundido no homem por Jesus Cristo, a quem está unido, ao mesmo tempo, tudo isto: fé, esperança e caridade» (Concílio de Trento, Sessão VI, *Decreto sobre a justificação*, 13 de janeiro

» por um amor a nós mesmos que é filho de um juízo da razão e de uma contínua oração a Deus e à companhia histórica em que Ele se faz presente e que é o Seu corpo. Na Trindade e pela Trindade nós somos gerados, somos envolvidos num “fazer” maior do que nós, num poder salvífico que do Pai, do Filho e do Espírito Santo “transborda” **para fora**: «Agora o Espírito volta para permitir o nascimento da Igreja, o corpo de Cristo, e assim a Sua afluência no fluxo histórico. É o contracanto a Bebel [**aquela babel, aquela confusão que está dentro de nós e fora de nós!**]. É o nascimento da outra sociedade, a sociedade nova que o Senhor constrói a partir do coração dos homens com a força do Espírito Santo, com esta chama de Deus ardente de amor». ²⁵ Esta nova criação não edificada por mãos humanas teve início com a encarnação de Deus e continua sendo um fato cujo espanto se renova todo Santo Natal e toda vez que fazemos memória dele: «Quando as aulas voltaram, eu estava animado e ainda estou, mas não animado porque tenho que ficar entusiasmado, como se pudesse apertar um botão na minha cabeça para ser feliz ou não, mas animado porque sei aonde ir para ver pessoas ou momentos de pessoas que me fazem descobrir essas coisas. Mesmo que às vezes eu durma em aula, quero viver e vivo a escola, o dia a dia, o futebol, as noites e tudo com esta consciência. O Natal [**essa tenda do encontro entre Deus e os homens existe!**] aconteceu e ninguém pode eliminá-lo, um Homem veio e prometeu que nós seremos felizes. No Tríduo quero rever isso e entender ainda melhor», escreveu outro rapaz.

«Se não fosse teu, meu Cristo, me sentiria criatura finita. Nasci e sinto-me dissolver. Alimento-me, durmo, descanso e caminho, adoeço e restabeleço-me. Acometem-me inúmeros desejos e tormentos, benefício do sol e daquilo que a terra frutifica. Depois, morro e a carne torna-se pó, como a dos animais, que não cometem pecados. Quanto a mim, o que possuo mais do que eles? Nada, a não ser Deus. Se não fosse teu, meu Cristo, me sentiria criatura finita. ²⁶ Dom Giussani dizia a respeito de si mesmo: «Eu tenho este *sim* [a Cristo] e basta». ²⁷ Caso contrário, pouco a pouco, regredimos e passamos a existir como o meu gato – o Birba –, que nasce, se alimenta, cresce, se reproduz e morre. Pura existência instintivo-biológico de seres vivos não humanos.

É preciso, então, passarmos a usar até o fundo o nosso cérebro e passarmos a julgar, a ajudar-nos como amigos na formulação de um juízo para identificarmos nossa fragilidade e fraqueza reconhecendo-as não como uma areia movediça na qual estamos fadados a ir afundando, mais cedo ou mais tarde, ou como um “defeito de fabricação” que nos leva a ficar reclamando infinitamente contra sabe-se lá quem, mas dando um juízo definitivo, com um ato da razão que reconhece um dado da realidade, da realidade que eu sou e que deve ser acolhida, e não atesta nada além do ponto de partida, que nos projeta em direção a um “portanto” que marca o passo de um caminho. «Mas, Fabinho», dizia-me o padre Giorgio Pontiggia, «qual é a novidade se a fraqueza é fraca!???» O ponto é se existe Alguém capaz de me tirar dela, de curar essa fraqueza, um remédio e um médico mais fortes que as feridas! ²⁸ Esta é a primeira evidência: eu não me fiz sozinho. Ninguém foi perguntado antes de sair do ventre materno, fomos chamados ao ser, nossos pais foram a forma visível de um Amor eterno. Dar um juízo é um ato da razão que reconhece, certifica definitivamente uma coisa por aquilo que é! O padre Giorgio me contava que durante seus almoços com Dom Gius »

de 1547, Capítulo VII).

²⁵ J. Ratzinger, *Dio e il mondo. Essere cristiani nel nuovo millennio*, Cinisello Balsamo-MI: San Paolo, 2001, p. 318.

²⁶ Cf. São Gregório Nazianzeno, “Carmina” II/I, carne LXXIV, vv. 4-12. In: *Patrologia Græca*, XXXVII, Paris, 1862, coll. 1421-1422.

²⁷ L. Giussani, *L’attrattiva Gesù*, Milão: Bur, 1999, p. 204.

²⁸ Cf. «Vos inclinastes sobre as nossas feridas e nos curastes dando-nos um remédio mais forte que as nossas chagas, uma misericórdia maior que a nossa culpa. Assim, em virtude do vosso amor invencível, até o pecado serviu para nos elevar à vida divina. Com surpreendente magnanimidade, infundistes no nosso coração o Espírito Santo» (*Prefácio do XVI Domingo do Tempo Comum do Rito Ambrosiano*).

» ele sempre lhe dizia que o homem não é “só o homem”, mas “o homem + Cristo por meio do Espírito Santo” – homem, para ser homem, para encontrar-se a si mesmo precisa de Cristo. O grande reitor romano Mário Vitorino, anunciando publicamente sua conversão, disse: «Quando encontrei Cristo, descobri-me homem!»²⁹ Aquele que tem a força de produzir a nossa transformação (divinização e humanização coincidem), o milagre da nossa mudança, que “bombeia” em nós a Vida divina é o Espírito Santo: sabem que o feto, o bebê, quando é pequenininho e está no ventre materno, é alimentado e mantido em vida pelo cordão umbilical, que transfere as substâncias nutritivas para permitir que ele se desenvolva, pois o bebê sozinho não conseguiria autogerar-se, tudo ele recebe da mãe. Da mesma forma, por analogia, o Espírito Santo é o dom que Deus Pai concede a todos os Seus filhos adotivos para nos gerar, para nos sustentar na vida, inclusive agora. O que é que o bebê faz no ventre materno? Nada, é receptivo, fica imóvel no líquido amniótico e não interrompe o fluxo, acolhe o que lhe é dado através do cordão umbilical... (mas o quanto isso não é libertador?). Eu não preciso me agitar, mas só ficar apegado. Aquele que nos cria e recria, permanecer na companhia da Igreja gerada por Ele. Ele «lava em nós o que é sujo, irriga o que está árido, tem o poder de curar o que está doente, torna flexível e dúctil o que está rígido, aquece o que se esfriou, endireita o que se entornou».³⁰ A Ele e aos amigos deste povo, podemos pedir: «Ajudem-me a converter e a criar em mim um coração puro, façam-me crescer, ajudemo-nos a crescer juntos, deem-me o gosto pelo conhecimento e pela descoberta no estudo, vamos descobri-lo juntos, ensinem-me a amar os outros como Cristo os ama, a me amar com os olhos de Cristo. Ensinem-me a amar meus inimigos, a servi-los, a viver as obras de misericórdia corporais e espirituais, a ser testemunha d’Ele no mundo».

Estamos nos aproximando da conclusão da introdução:

Para cada um de nós, para nossas famílias, para os amigos que nos propuseram estar aqui, qual é a cara, qual é o rosto específico, qual é a tônica que assumiu essa tenta não construída por mãos humanas, esta Igreja, o Cristianismo? Por meio de quem ele se tornou encontrável para nós? Para alguns foi na paróquia,³¹ para outros foi em outra realidade eclesial, numa congregação religiosa, mas para quem está participando deste Tríduo, com qual carisma?³²

Escutemos a lembrança viva de Dom Giussani:

«Lembro como se fosse hoje: liceu clássico Berchet, 9 horas da manhã, primeiro dia de aula, outubro de 1954. Lembro o sentimento que tinha enquanto subia os poucos degraus »

²⁹ Cf. Mario Vittorino, “In Epistola ad Ephesios”. In: *Marii Victorini Opera exegetica*, libro II, cap. 4, v. 14. Cf. «Na realidade, o mistério do homem só no mistério do Verbo encarnado se esclarece verdadeiramente» (Concílio Vaticano II, Constituição pastoral *Gaudium et spes*, n. 22).

³⁰ Sequência ao Espírito Santo.

³¹ Cf. «A paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. Embora não seja certamente a única instituição evangelizadora, se for capaz de se reformar e adaptar constantemente, continuará a ser “a própria Igreja que vive no meio das casas dos seus filhos e das suas filhas”. Isto supõe que esteja realmente em contato com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. A paróquia é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Através de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário» (Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, n. 28).

³² Cf. «As outras instituições eclesiais, comunidades de base e pequenas comunidades, movimentos e outras formas de associação são uma riqueza da Igreja que o Espírito suscita para evangelizar todos os ambientes e sectores. Frequentemente trazem um novo ardor evangelizador e uma capacidade de diálogo com o mundo que renovam a Igreja. Mas é muito salutar que não percam o contacto com esta realidade muito rica da paróquia local e que se integrem de bom grado na pastoral orgânica da Igreja particular. Esta integração evitará que fiquem só com uma parte do Evangelho e da Igreja, ou que se transformem em nômades sem raízes» (Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii gaudium*, n. 29)

» da entrada do liceu: era a ingenuidade de um entusiasmo, de uma ousadia [...]. Revejo-me naquele momento, com o coração todo inflado com o pensamento de que Cristo é tudo para a vida do homem, é o coração da vida do homem: aqueles jovens tinham de começar a ouvir e aprender este anúncio, para a felicidade deles. [...] Digo estas coisas pois constituem o único motivo, o único objetivo e a única raiz da qual o nosso Movimento nasceu». ³³ «O começo de tudo o que veio depois a nascer [...] partiu do meu desejo de que as pessoas compreendessem. Compreendessem o quê? A minha opinião? O que o meu partido diz? Não! Que as pessoas entendam aquilo para que está feito o seu coração; que as pessoas entendam um pouco melhor o Destino para que foram criadas». ³⁴ «É a fé autêntica, ou a autenticidade da fé, o que nós procuramos. Não procuramos outra coisa». ³⁵ «Nós estamos prontos para falar com o mundo todo, para ir a qualquer lugar do mundo, mas precisamos de uma casa, precisamos de um lugar onde a palavra seja palavra, “expressão”, e onde o relacionamento seja “coração”, cordial, onde a companhia seja positiva, onde as palavras tenham um significado e os entendimentos um significado; e o pão seja pão, e a água seja água.» ³⁶

Eis o porquê da frase de Jesus apresentada como chave sintética deste Tríduo: «“Conheceis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8,32) – Uma história que continua», porque a Verdade, Jesus Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, é o «autor e consumidor» ³⁷ daquela fé autêntica de que falava Dom Giussani e para a qual queremos manter o olhar fixo, na qual aprendemos a chamar o pão de pão e a reconhecer o vinho como vinho, e mais ainda o reconhecemos como Corpo e Sangue de Cristo, da mesma forma como acontecerá daqui a pouco na Santa Missa!

O que salta aos olhos na leitura das contribuições que vocês mandaram é justamente a sua exigência de alcançar a certeza da verdade, na qual possam assentar as fundações da casa que é a única vida de vocês!! Porque, se não temos certeza, se não nos assentamos na verdade, como podemos construir? De fato, Jesus fala da casa construída sobre a rocha: choveu, mas a casa não desabou! Por isso é que há menos iniciativa, menos ousadia, porque as fundações são frágeis e tenta-se construir sobre a areia, desaba! Quem de vocês aqui convidou um amigo da escola, um amigo do futebol, um amigo do bairro, uma amiga da dança? Falta a certeza a respeito da verdade que encontramos e da conveniência para a nossa vida! É hoje que vocês assentam as fundações. O futuro constrói-se hoje, no presente. Não adiando sem parar por serem jovens... «Amanhã! Depois eu vejo! Vamos ver! Ah, sim, mas... quem sabe... veremos!»

Outro garoto dos Colegiais me escreveu: «Nos últimos meses, desde as férias de verão em San Martino di Castrozza até hoje, encontrei e conheci muitos amigos novos que encheram minha vida, tornando-me feliz e grato por acordar todo dia e por amar o próximo. Neste Tríduo, aliás, o primeiro para mim, vou com uma grande pergunta: “Como faço para não me perder na cotidianidade e para viver minha vida com verdade?”» «Oi, “A verdade vos libertará” é o título do Tríduo. Mas fácil dizer do que fazer. Durante este ano letivo eu me questionei muito sobre o que significa realmente ser livre. Tudo começou por um canto da banda Pinguini Tattici Nucleari que diz: “Porque a maior liberdade é a que te mantém acorrentado, é a que não te deixa ir embora”. Não entendia. Eu sempre tinha pensado que a liberdade fosse não ter vínculos e ligações.» Outro colegial respondeu: «Temos algo grande entre as mãos, »

³³ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Roma: EDIT, Il Sabato, 1993, pp. 336, 338.

³⁴ L. Giussani, *Realidade e juventude. O desafio*, Lisboa: Diel, 2003, pp. 59-60.

³⁵ “A introdução de Luigi Giussani nos Exercícios Espirituais do Centro Cultural C. Péguy (Varigotti, 1 de novembro de 1968)”, in J. Carrón, “Vivo é algo presente!”, *Passos*, n. 208, nov. 2018, p. 21.

³⁶ *Ibidem*, pp. 21-22.

³⁷ «Portanto, com tamanha nuvem de testemunhas em torno de nós, deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e o pecado que nos envolve. Corramos com perseverança na competição que nos é proposta, com os olhos fixos em Jesus, que vai à frente da nossa fé e a leva à perfeição. Em vista da alegria que o esperava, suportou a cruz, não se importando com a infâmia, e assentou-se à direita do trono de Deus» (Hb 12,1-2).

» mas nunca estamos prontos para usá-lo, ou ao menos tentar: se o Movimento se torna só um lugar onde é possível partilhar dúvidas, perguntas, dificuldades ou até descobertas novas e entusiasmantes, então tanto faz. Nem sequer cantamos: “Medo com ele não tenho mais, no coração tenho a certeza, eis comigo a salvação”, pergunta sem respostas para viver. Sendo assim, é melhor ser como alguns dos nossos colegas da escola, felizes na ignorância de não ter perguntas terríveis para enfrentar indo atrás das respostas».

Então, estamos aqui porque cada um de nós quer conhecer a verdade, entender por que viver, por quem morrer; nenhum de nós pode parar de se importar com o próprio destino. «Minha experiência me diz que há muitos que querem enganar, mas ninguém que quer ser enganado.»³⁸ «*Gere curam mei finis*» [cuida do meu destino, de tudo de mim, até o fim], ouviremos amanhã no *Dies Irae*, atribuído a Tomás de Celano. Estamos aqui para levar a sério esse desejo de verdade, esta exigência de felicidade e de significado para a vida. Estamos aqui, principalmente, porque Alguém se importou com o nosso destino, não ficou no céu olhando-nos das Alturas, e alguém – Dom Giussani – foi para nós o veículo desse Alguém. Portanto, a partida que se joga é esta, está neste nível, isto é, nossa partida pessoal diante do Destino, diante de Deus, respondendo e vivendo a única vida que temos à disposição. A grandeza deste lugar é que grita que a resposta existe. Existe Alguém com A maiúsculo que se importou com o nosso destino através de alguém com a minúsculo (o Dom Giussani).

«A liberdade não se demonstra tanto nas escolhas clamorosas, mas ante a primeira sutilíssima aurora do impacto da consciência do mundo.»³⁹ A nossa liberdade se joga no instante presente! Então, para concluir, sugiro algumas indicações para auxiliá-los a viver juntos este gesto, estes dias.:

1. Em primeiro lugar, destaco uma postura de fundo que devemos pedir esta noite durante a Santa Missa, e durante o trajeto de ônibus em silêncio, e depois na cama antes de cairmos no sono, e amanhã de manhã assim que abrirmos os olhos. Uma postura para recuperarmos sempre, de modo que a posição da nossa liberdade se disponha à escuta, se deixe educar, seja dócil e disponível ao seguimento. Usando uma única palavra, poderíamos chamar-nos a atenção esta noite para a postura da *humildade*, olhando novamente para a Bem-aventurada e sempre Virgem Maria – uma menina de Nazaré, de 15-16 anos, como vocês! –, poderíamos pedir a Ela para termos um coração humilde e atento como dela: «Ele viu a pequenez de Sua serva; o Poderoso fez por mim maravilhas; dispersou os orgulhosos nos intentos de seu coração, exaltou os humildes, despediu sem nada os ricos, de bens saciou os famintos», como rezamos todos os dias no *Magnificat*. Peçamos um coração humilde, *humus, terra*, portanto *humilis*, *humilde* é aquele que é como a terra, não impermeável, mas pronto para acolher a semente, para acolhê-la em si, para guardá-la a fim de que dê fruto e floresça. Ela também deve ter tido seus projetos, seus desejos, mas em última instância estava disponível para aderir a um desígnio maior... nós também, a partir desta noite vamos deponhamos nossas armas, rendamo-nos, deponhamos as armas da soberba e do orgulho!

2. Em seguida, um segundo convite à oração está estreitamente ligado à humildade que é o amor à Verdade, mais que às nossas ideias, aos preconceitos, aos medos. Rezemos nestes dias para aprendermos a não ser superficiais, a antepor o amor pela Verdade às nossas opiniões, aos estados de espírito, às sensações, aos lugares comuns, aos estilos... «*Amicus Plato, sed magis amica Veritas*», «*Socrates quidam parum curandus, et veritas plurimum*» (devemos ocupar-nos um pouco de Sócrates, mas muito mais da verdade). Não se demorem em aspectos secundários, que os olhos lúcidos e penetrantes possam ir além das coisas vãs, até chegar à substância... Como é míope dizer: «Aquilo lá é chato, aquilo lá é divertido», pois a pessoa pode ser pouco cativante na exposição, mas sugerir um conteúdo profundíssi- »

³⁸ Santo Agostinho, *Confissões* 10,23,33.

³⁹ L. Giussani, *O senso religioso*, Jundiaí: Paco, 2017, p. 186.

» mo, e outro pode ser muito simpático e hilário, mas sem ter nada para oferecer! Retenham o valor, *panta dokimazete, to kalon katechete* (Primeira Carta aos Tessalonicenses 5,21).

3. A terceira indicação – muito importante – tem a ver com a condição *sine qua non*, sem a qual dificilmente algo poderá acontecer: o silêncio. No barulho, na bagunça, na gritaria e, portanto, na distração, distraídos por nós mesmos ou por outros, fugindo do nosso coração porque absorvidos nos nossos pensamentos a respeito do resultado de Napoli e Milan na Champions, distraídos pelo amigo, pelo celular, pelo encanto da amada que nos deixa suspensos esperando uma resposta ou que desejaríamos encontrar à luz da luz nesta noite olhando para o mar, atormentados por mil e um pensamentos, como é que posso ficar de olhos arregalados para não perder o que acontece, como é que posso ficar de ouvidos atentos para ouvir os cantos e desfrutar as letras, as meditações, a Via Sacra? Mas não é só isso. O silêncio, mas profundamente ainda, é respeitar o mistério que o outro é, no momento de vida em que está e que nós, profundamente, não conhecemos até o fundo, pois quem sabe que momento de vida ele está atravessando? Deveríamos começar a implorar a Deus esse olhar já desde esta noite: meu amigo, minha amiga, a pessoa do meu lado, o que são? Um homem, uma mulher que está em diálogo, em relação com o Mistério. Desta forma eu o respeito mais, afirmo-o mais, afirmo mais o seu bem, sou mais amigo dele se nestes três dias, enquanto saímos e entramos no salão, enquanto subimos no ônibus, quando estamos entrando no hotel, eu, consciente disto, seguro a minha instintividade e respeito seu diálogo com Deus: pode ser que ele tenha ficado tocado por uma frase e esteja raciocinando e pensando nela, e assim nos ajudamos a cuidar uns dos outros nestes dias e não dispersar a iniciativa que o Mistério tomou em relação a cada um de nós. Depois, no almoço de sábado, poderemos nos cumprimentar, contar nossas coisas, tirar milhões de *selfies*, mas apoiemo-nos uns aos outros até o fim da meditação de sábado em vivermos o Tríduo em silêncio: conserve o silêncio e o silêncio conservará você, conserve a ordem e a ordem conserva você.

Observação sobre o silêncio: temos o instrumento do livrinho, que está acompanhado de uma *Antologia de trechos escolhidos* para vocês que abarcam praticamente dois mil anos de história, justamente porque somos parte dela, e para que as instituições e as descobertas, as conquistas de quem nos precedeu, a tradição viva da Igreja possam iluminar a nós, os recém-chegados, como crianças que são carregadas nos ombros de gigantes. Desta forma, vocês também podem aproveitar essa possibilidade, durante o silêncio, enquanto ouvirem a música clássica na entrada ou enquanto estiverem no ônibus, ou enquanto os outros estão batendo papo; ou vocês podem retomar as anotações, há muito material, vejam vocês: não se trata de tarefas para cumprir, mas de alimentos para degustar, de frases para saborear e se nutrir, sem causar indigestão! *Ad modum recipientis* [conforme a natureza de quem recebe]! Não fiquem ansiosos caso não entendam tudo, mas preocupem-se em parar e aprofundar no que os tocou, é aí que o Senhor os chama, os educa e tece seu diálogo com vocês.

4. Por último, lembrem-se de que *militia est vita hominia super terram* (Jó 7,1), há uma batalha para combater, principalmente nas reentrâncias do nosso ser; o campo não é neutro, não estão só você e o bom Deus, mas existe também o inimigo, e ele vai tentar jogar todas as cartas das tentações. Portanto, estejam prontos e não abram essa porta. Nisto lhes dou um critério são e antigo como toda a teologia espiritual: tudo o que os move e os faz tender ao amadurecimento e à santidade é um sopro do Espírito Santo nas velas da sua liberdade, levando-os à conversão; tudo o que deixa vocês parados em si mesmos provém do inimigo do gênero humano, que os deixa estagnados, que os faz amainar as velas, que os faz ceder à tentação de dizer: «Estou bem... não preciso mudar em nada».⁴⁰ »

⁴⁰ «O Tentador, aproveitando a fragilidade e as necessidades humanas, insinua a sua voz mentirosa, alternativa à de Deus, uma voz alternativa que mostra outro caminho, um caminho de engano. O Tentador seduz. [...] Devemos estar conscientes da presença deste inimigo astuto, interessado na nossa condenação eterna, no nosso

» Muito bem, vou concluir! Para tornar mais visual o que foi apontado nas indicações, queria dividir com você o trecho de uma carta de um amigo mais velho, com mais de trinta anos, quase vinte anos depois do seu primeiro Tríduo:

«Caríssimo, pensei em tentar escrever alguma coisa de maneira um pouco mais “ordenada”. Como já lhe disse ao telefone, para mim o Tríduo com o padre Giorgio sempre foi um momento extremamente significativo. Lembro-me de uma grande intensidade vivida, daqueles que nos deixam com saudade na hora de voltar: “Queria que todos os dias fossem como esses três!” Uma posição que, olhando de novo agora, tem seus aspectos parciais, mas que me parece genuína e indício de uma grandeza que experimentamos. No início do quarto ano do ginásio, eu queria me afastar da Igreja e de tudo o que meus pais tinham me comunicado, porque eu só via aí muita retórica, e tudo o que me era proposto parecia um peso que paralisava a vida. No meu primeiro dia de aula, o Tommy me convidou para ir à Escola de Comunidade; dessa vez eu confiei, e assim passei a ir. A princípio só porque me eram simpáticos e eram um rosto conhecido dentro da escola, onde eu me sentia meio perdido. Porém eu permanecia relutante em relação à proposta. A primeira coisa que começou a erodir minhas convicções foi ver o padre Giorgio pela primeira vez. Quando fui ao meu primeiro Tríduo Pascal, no quarto ano do ginásio, eu já acompanhava cordialmente todas as propostas do Movimento, aliás, estava me envolvendo muito naquela amizade e pela primeira vez encontrei interlocutores para conversar sobre as perguntas em relação à vida e à fé que eu tinha. Mas eu continuava sendo um menino de 14 anos, que gostava de bagunçar. Digo isto porque a primeira coisa que mais me marcou naquele Tríduo foi o silêncio na entrada. Lembro distintamente o instante em que passei do lado de fora do prédio para o lado de dentro, e a impressão que tive: a impressão de estar diante de algo de grande».

Uma de vocês, pouco antes do início destes dias, escreveu: «Então, por que arriscar? Se eu decidi ir ao Tríduo, apesar das minhas dificuldades, foi porque tenho consciência de como sou feita e estou levando em conta que pode dar certo ou errado na esfera das relações, porque pus tudo de lado, arriscando tudo para entrar em jogo. Posso arriscar por uma coisa bonita como esta porque sei que desta experiência posso levar alguma coisa para casa, ainda que seja o meu primeiro Tríduo, de modo que me sinto à vontade para arriscar em me maravilhar com o que sairá daqui. Só agora, que escrevi esta frase, é que me dou conta de que arriscar significa para mim: entrar em algo de coração aberto para ficar SURPRESA e MARAVILHADA com aquilo que sairá daí, depois de ter arriscado!»

Portanto, e concluo de verdade, citando Claudio Chieffo e Adriana Mascagni nesta introdução a estes três dias que temos juntos, eu lhes digo: «Não tenhas medo, meu filhinho, mas é o caminho mais difícil que vai te levar até lá; deixa então a trilha e vai pelos campos, [...] não fiques confuso, [...] não te rendas às trevas que devoram as coisas, [...] não temas porque Alguém está contigo, [...] nunca vai te deixar»,⁴¹ «a nossa voz canta com um porquê!»⁴²

fracasso, e preparar-nos para nos defendermos dele e combatê-lo. A graça de Deus assegura-nos, através da fé, oração e penitência, a vitória sobre o inimigo» (Francisco, *Ángelus*, 21 de fevereiro de 2021).

⁴¹ C. Chieffo, “Favola”. In: *Canti*, Milão: Società Coop. Ed. Nuovo Mondo, 2014, pp. 226-227.

⁴² M. Campi, A. Mascagni, “Povera voce”. In: *Canti*, op. cit., p. 208.